

38º OPA NACIONAL 2017 – SER CONSCIENTE

SUBSÍDIOS PARA A ORAÇÃO

APRESENTAÇÃO:

O tema deste Encontro Nacional de 2017 é “Ser consciente”. Apesar de sua urgência e atualidade, a expressão permite diversas acepções. Por isso e para que não caiamos no risco do desentendimento, faz-se necessário delimitar seu significado.

Nestes subsídios para a oração, que ora propomos, entendemos *consciência* como a mais profunda percepção da pessoa a respeito de certa realidade objetiva. O conceito transcende o conhecimento intelectual ou racional, dedutivo ou empírico, embora pressuponha esses elementos de cognição. Porém, situa-se num campo mais além, no âmbito mais profundo de nossa identidade.

Santo Inácio que o diga. Em seus Exercícios Espirituais, ele propõe insistentemente que o exercitante peça a graça do “conhecimento interno” de Jesus. Este é o sentido de consciência que aqui adotamos: um conhecimento desde o âmago do nosso ser, desde nosso interior mais profundo, daquela parte de nossa existência de onde surgem os mais elevados desejos, onde se encontra a energia interior que dá sentido e move nossos passos.

Conhecer internamente, em chave inaciana de entendimento, significa fazer profunda experiência de algo. Por isso, Santo Inácio dizia que “não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e o saborear as coisas internamente”. De fato, *conhecer* remete a *saber* que, por sua vez, tem a mesma raiz de *saborear* (“sabor – saber, Deus me dê sabedoria...”). Pois se não atingirmos esse grau de consciência, de experiência visceral, o objeto de nossa conscientização permanecerá fora de nosso ser. Será “conscientizado” superficialmente e, assim como tão facilmente assimilado, será também abandonado, pois não terá cravado suas raízes em nós.

Daí a importância da oração: criamos “tempos” e “espaços” exteriores e interiores privilegiados de escuta e pacificação, para que adquiramos profunda consciência a respeito dos temas que serão propostos. Pois apenas nesses tempos e lugares sagrados poderemos saborear cada realidade adequadamente, deixar que elas se encarnem em nós e desde nosso ser mais profundo lancem raízes e brotem com vigor.

Pensando nisso, propomos quatro momentos de oração, em preparação para o nosso Encontro Nacional. Neles são sugeridos subtemas específicos a respeito do tema central (Ser consciente), bem como um guia de oração e textos específicos de apoio. Para o melhor fruto desse processo, procura dedicar alguns momentos, cerca de meia hora, pelo menos, para cada oração, quando deverás “entrar em teu quarto e fechar a porta” (Mt 6,6), para ficares a sós com o Senhor, cultivando uma relação fecunda de intimidade e de troca de interioridades.

Na realidade, os subsídios que ora apresentamos querem simplesmente constituir o pano de fundo para esse encontro. Esperamos que te sejam úteis.

Se fizermos com ânimo e generosidade nossa oração, com a graça de Deus o objeto de nossa conscientização será de tal forma impregnado ao nosso ser que será impossível distingui-lo de nós: o fermento terá levedado a massa; o sal terá aderido à comida. Esse é o propósito da conscientização.

Boa oração, isto é, boa conscientização a todos!

Luiz Beltrão

Renata Beltrão

OPA NACIONAL 2017 - SER CONSCIENTE – SUBSÍDIOS PARA A ORAÇÃO

1. CONSCIÊNCIA SOBRE QUEM SOU

Neste primeiro momento de oração pessoal, convidamos a que descubras ou aprofundes tua consciência a respeito de tua identidade, tua vocação e tua dignidade fundamentais.

Dentre as perguntas mais fundamentais que movem a existência humana podemos destacar: *Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? O que estou fazendo aqui, na Terra? O que devo fazer?* Essas questões constituem o princípio e o fundamento de toda vida espiritual. Respondê-las existencialmente ou, ao menos, situá-las em perspectiva são o alicerce para qualquer construção posterior, pois são elas que dão sentido e significado à nossa vida.

Também o salmista já se fazia, há muitos séculos, essas perguntas. Encantado com a grandeza e a beleza da criação, Davi assim exclamava a Deus: “Quando olho para o teu céu, obra de tuas mãos, vejo a lua e as estrelas que criaste: que coisa é o ser humano para dele te lembrares, o filho do homem, para o visitares?” (Sal 8,4-5). Tão colossal dimensão é capaz de nos lançar numa perspectiva quase desesperadora de insignificância: somos a infinitesimal fração de uma poeira cósmica, orbitando a esmo no espaço infinito.

Mas logo depois, o salmista, como pessoa de fé, parece se corrigir: “No entanto, o fizeste (o ser humano) só um pouco menor que um deus, de glória e de honra o coroaste” (v. 6). A este ser humano, Deus o chamou de filho, pois o plasmou à sua imagem e semelhança: imagem e semelhança de beleza, de realeza, de bondade.

Temos, portanto, o DNA divino, a essência sumamente boa e a potencialidade régia de nos tornarmos a mais bela expressão de um sonho magnífico de Deus. Ao tomarmos consciência disso, nos damos conta de que não somos nós que nos damos sentido. Nosso ser nos é dado e mantido por uma Alteridade (um *Outro*), de quem dependemos, em quem nos movemos, existimos e somos. **Que consequências e respostas devem surgir em nós dessa conscientização?**

O salmista também diz que Deus deu a cada estrela o seu nome (Sal 147,4). Nome, em chave bíblica de interpretação, tem a ver com identidade e missão. Também somos estrelas de Deus e a cada um de nós Ele deu um nome, quando nos chamou à existência. Descobri-lo no mais profundo do ser constitui uma das tarefas mais pacificadoras e significativas para o crente.

Quando foste chamado à existência, que nome Deus te deu? Que palavra ele sussurrou em teu ouvido? Que melodia Ele cantou para ti? Só Ele pode te dizer! Peça-o que o repita hoje para ti!

Que nesta oração possas tomar consciência de tua essência, tua origem e teu fim e das consequências e implicações em tua vida e em tuas relações dessas verdades fundamentais. Apenas Deus pode te revelar quem **realmente** és. Apenas Deus pode te dizer qual é o teu **nome original**. A alegria e a paz a te invadirem serão o sinal de que te aproximas da verdade mais essencial sobre ti mesmo.

GUIA PARA A ORAÇÃO:

- Encontra um lugar silencioso e uma postura relaxada para que possas, aos poucos, silenciar fora e dentro de ti.
- Respira várias vezes;
- Toma consciência, a teu lado e dentro de ti, da presença de Deus, que deseja ardentemente se comunicar contigo.
- Leia pausadamente os textos indicados, deixando-te tocar por suas palavras. Se, ao passares por uma, te sentires atraído, permaneça nela, até que se sintas saciado.
- A partir da palavra que mais te tocou, vá conversando com Deus, como um amigo a outro amigo, falando e procurando ouvir. Por que essa palavra específica te foi significativa? O que isso pode sinalizar? O que Deus quer te dizer com isso? Deixa Deus falar. Deixa Deus ser Deus em ti.
- Ao final, anota o que mais te tocou, como te sentiste.
- Produz, se tocado para isso, uma arte, algo que brote de ti, em resposta à tua oração.

TEXTOS SUGERIDOS:

Carta de São Paulo aos Efésios, Capítulo 1, versículos de 3 a 14:

Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo, e nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos.

No seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua livre vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, que nos foi concedida por ele no Bem-amado.

Nesse Filho, pelo seu sangue, temos a Redenção, o perdão de nossas faltas, segundo as riquezas da sua graça que derramou profusamente sobre nós, em torrentes de sabedoria e de prudência.

Ele nos manifestou o misterioso desígnio de sua vontade, que em sua benevolência formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos - desígnio de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra.

Nele é que fomos escolhidos, predestinados segundo o desígnio daquele que tudo realiza por um ato deliberado de sua vontade, para servirmos à celebração de sua glória, nós que desde o começo voltamos nossas esperanças para Cristo.

Nele também vós, depois de terdes ouvido a palavra da verdade, o Evangelho de vossa salvação no qual tendes crido, fostes selados com o Espírito Santo que fora prometido, que é o penhor da nossa herança, enquanto esperamos a completa redenção daqueles que Deus adquiriu para o louvor da sua glória.

A Boneca de sal

Minha identidade escondida em Deus

A boneca de sal, ansiosa por descobrir sua identidade, vagueou pela terra até

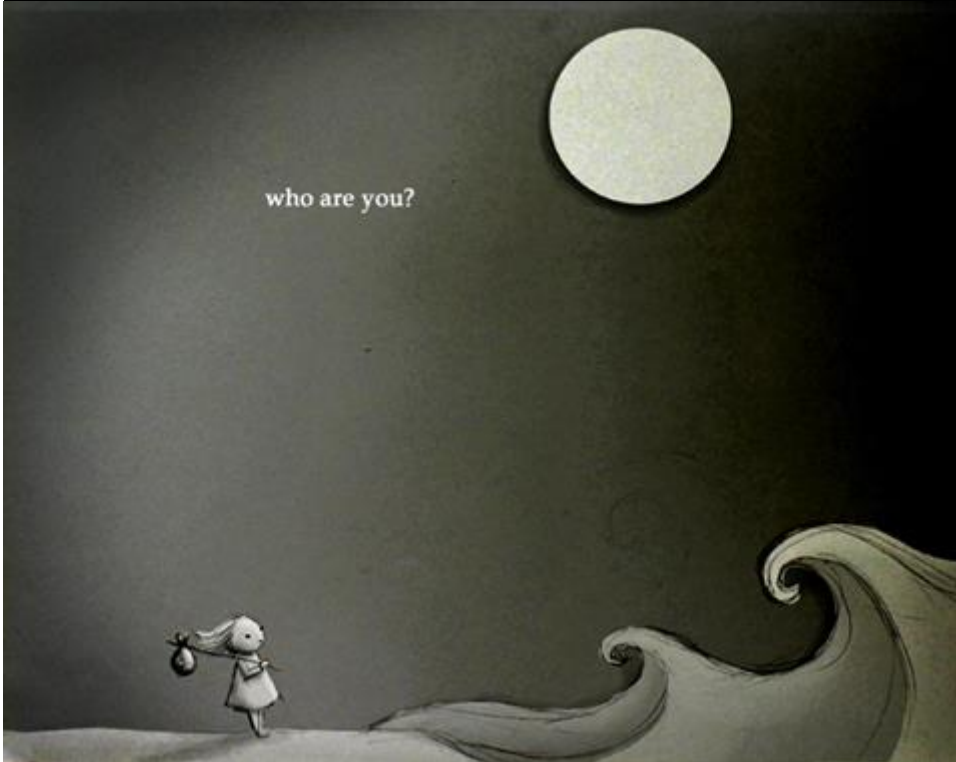
chegar ao mar, diante do qual parou absorta a contemplar aquela massa imensa de água inquieta que ela nunca vira.

“Quem é você?” pergunta, então, ao mar. “Pois entre e descubra”, diz o mar sorrindo.

Dito e feito, ela entrou no mar. E, quanto mais entrava, mais se dissolvia, até que só restasse um pouco do seu corpo.

Antes de se dissolver completamente, exclamou a Boneca, admirada e feliz: “Agora, sei quem sou!”.

MELLO, Anthony de, SJ, (*O canto do pássaro*, São Paulo, Loyola, 1995)



O Rumo da vida

Alberto Hurtado

Um presente do meu Pai Deus foi uma viagem de 30 dias de barco, de Nova York para Valparaíso. Por generosidade do bondoso Capitão tinha uma mesa na ponte de comando, ao lado do timoneiro, onde ia trabalhar tranquilo com luz, ar, vista formosa... A única distração eram as vozes de ordem com relação ao rumo da viagem. E ali aprendi que o timoneiro, como dizia-me o Capitão, leva nossas vidas em suas mãos porque leva o rumo do navio. O rumo da navegação é o mais importante. Um piloto constata-o permanentemente, segue-o passo a passo sobre o

mapa, controla-o tomando o ângulo de sol e o horizonte, inquieta-se nos dias nublados porque não pôde verificá-lo, escreve-se num quadro-negro diante do timoneiro, dão-lhe ordens que, para certificar-se que as entendeu, deve repeti-las cada uma: «A bombordo, a estibordo, um pouquinho a bombordo, assim como vai...». São vozes de ordem que aprendi e não esquecerei.

Cada vez que subia à ponte e via o trabalho do timoneiro, não podia evitar de fazer uma meditação fundamental, a mais fundamental de todas, a que marca o rumo da vida.

Em Nova York, multidão de navios, de toda espécie. O que é que os diferencia mais fundamentalmente? O rumo que vão tomar. O mesmo barco 'Illapel', em Valparaíso, tinha como rumo Nova York ou Rio de Janeiro; em Nova York tinha como rumo Liverpool ou Valparaíso.

Apreciar a necessidade de tomar a sério o rumo. Num barco, o piloto que se distrai é despedido sem remissão, porque joga com algo demasiado sagrado. E, na vida, cuidamos do nosso rumo?

Qual é o teu rumo? Se fosse necessário deter-se ainda mais nesta idéia, rogo a cada um dos senhores que lhe dê a máxima importância, porque acertar nisto é simplesmente acertar; falhar nisto é simplesmente falhar.

Barco magnífico: o «Queen Elizabeth», 70.000 toneladas (o «Illapel» carregado são 8.000 toneladas). Se me tento pela sua formosura e subo nele sem cuidar-me do seu rumo, corro o pequeno risco de que, em lugar de chegar a Valparaíso, chegue em Manila!! E em lugar de estar com os senhores, veja caras filipinas.

Quantos vão sem rumo e perdem suas vidas... gastam-nas miseravelmente, dilapidam-nas sem nenhum sentido, sem bem para ninguém, sem alegria para eles e depois de algum tempo sentem a tragédia de viver sem sentido. Alguns tomam rumo em tempo, outros naufragam em alto mar, ou morrem por falta de víveres, extraviados, ou vão a espatifar-se numa costa solitária.

O trágico problema da falta de rumo, talvez o mais trágico problema da vida. O que perde mais vidas, o responsável de maiores fracassos. Eu penso que se as escolhas morais fossem físicas e a nossa conduta fosse um barco de ferro, por mais sólido que tenha sido construído, não ficaria senão restos de naufrágios.

Se a fé dá-nos o rumo e a experiência mostra-nos as escolhas, tomemo-las a sério. Manter o timão. Fixar o timão, e, como em cada momento, as ondas e as correntes desviam, retificar, retificar em cada instante, de dia e de noite... Não as costas atrativas, mas o rumo assinalado! Pedir a Deus a graça grande: ser homens de rumo.

1º ponto. O porto de partida. É o primeiro elemento básico para fixá-lo. E aqui pregar minha alma no fato básico: Deus e eu. O primeiro fato maciço de toda filosofia, de todo sistema de vida: venho de Deus, sim dele. Todo dele. Nada mais certo, e sobre este fato vou edificar a minha vida, sobre este primeiro dado vou fixar o meu rumo.

E aqui como sempre: este fato é assim? É um fato? Porque a religião funda-se sobre fatos, não sobre teorias.

Tomar a sério estas verdades: que sirvam para fundar a minha vida, para dar-me

rumo. Uma pessoa é cristã na medida em que tira as consequências das verdades que aceita. Daqui também essa atitude, não de orgulho, mas sim de valentia, de serenidade e de confiança, que nos dá a nossa fé: não nos fundamos numa cavilação, mas numa maciça verdade.

2º ponto. O porto de chegada. É o outro ponto que fixa o rumo. Valparaíso ou Liverpool? De Nova York saía junto conosco Liberty, porta-aviões... Para onde se dirigem? Desde a Universidade do Chile ou desde a fábrica, para onde? O termo da minha é ele!

3º ponto. O caminho. Tenho os dois pontos, os dois portos. Por onde devo endereçar o meu barco? Ao porto de chegada, por um caminho que é a vontade de Deus. A realização em concreto do que Deus quer. Eis aqui a grande sabedoria. Todo o trabalho da vida sábia consiste nisto: em conhecer a vontade do meu Senhor e Pai. Trabalhar para conhecê-la, trabalho sério, obra de toda a vida, de cada dia, de cada manhã: que queres, Senhor, de mim? Trabalhar em realizá-la, em servi-lo em cada momento. Esta é a minha grande missão, maior que fazer milagres. Deus nos quer santos. Esta é vontade de Deus: não medíocres, mas santos.

Qual é o Caminho da minha vida? A vontade de Deus: santificar-me, colaborar com Deus, realizar a sua obra. Haverá algo maior, mais digno, mais formoso, mais capaz de entusiasmar? Chegar ao Porto!!

E para chegar ao porto não há mais que este caminho que conduza... Os outros a outros portos, que não são o meu!! E aqui está todo o problema da vida. Chegar ao porto que é o fim da minha existência. Quem acerta, acerta; e quem aqui não chega é um grande errado, seja um milionário, um Hitler, um Napoleão, um afortunado no amor, se aqui não acerta, a sua vida nada vale; se aqui acerta: feliz para sempre jamais. Amém!!

De onde venho? Para onde vou? Que grande! Por que caminho? Enfrentar o rumo. O timão firme na minha mão e quando aumentem os ventos, rumo a Deus; e quando me chamem da costa, rumo a Deus; e quando me canse, rumo a Deus!!

Só? Não. Com todos os tripulantes que Cristo quis encarregar-me de conduzir, alimentar e alegrar! Que grande é a minha vida! Que plena de sentido. Com muitos rumos para o céu. Dar aos homens a coisa mais preciosa que existe: Deus; e dar a Deus o que mais ama, aquilo pelo qual deu seu filho: os homens.

Senhor, ajuda-me a sustentar o timão sempre para o céu, e se vou soltar, prega-me no meu rumo, pela tua Mãe Santíssima, Estrela dos mares, Doce Virgem Maria.

O SILÊNCIO DAS ESTRELAS

Lenine e Dudu Falcão

Ouvir em: <https://www.youtube.com/watch?v=CR8aGGtT6fA>

Solidão, o silêncio das estrelas, a ilusão

Eu pensei que tinha o mundo em minhas mãos

Como um Deus e amanheço mortal

E assim, repetindo os mesmos erros, dói em mim
Ver que toda essa procura não tem fim
E o que é que eu procuro afinal

Um sinal, uma porta pro infinito irreal
O que não pode ser dito, afinal
Ser um homem em busca de mais, de mais
Afinal, feito estrelas que brilham
Em paz, em paz

Solidão, o silêncio das estrelas, a ilusão
Eu pensei que tinha o mundo em minhas mãos
Como um Deus e amanheço mortal

Um sinal, uma porta pro infinito o irreal
O que não pode ser dito, afinal
Ser um homem em busca de mais
Afinal, ser um homem em busca de mais

OPA NACIONAL 2017 - SER CONSCIENTE – SUBSÍDIOS PARA A ORAÇÃO

2. CONSCIÊNCIA DE MEUS LIMITES E DE MNHA DEPENDÊNCIA DE DEUS

Conversão é palavra fora de moda. *Culpa, pecado, erro...* a psicologia moderna nos faz desconfiar do bem que essas expressões possam nos trazer hoje em dia. E com razão! Durante muitos séculos, nossa Igreja enfatizou de tal forma o pecado e a culpa ao ponto de se esquecer daquela verdade anterior sobre a qual rezamos anteriormente: de que Deus, que é infinitamente bom, não pode fazer nada mal feito; inclusive nós. Acentuado pesadamente a maldade e o erro do ser humano, as Igrejas Cristãs acabaram por alimentar um complexo de culpa doentio e difícil de ser curado de nossa estrutura psíquica e social.

Mas seria infantilidade fecharmo-nos na beleza de uma essência que, infelizmente, não se realiza em potência. Contra fatos não há argumentos: o ser humano e o mundo por ele construído estão bastante distantes dos desejos de Deus. Precisamos tomar consciência da distância entre o que somos e o que fazemos com o nosso ser; do abuso e mau uso que fazemos de nossa liberdade e de nossos dons; das consequências sociais e pessoais de livremente frustrarmos o projeto de Deus a nosso respeito.

Mas, acima de tudo, precisamos tomar consciência de que não conseguimos sair da enlacrada em que nos metemos por nossas próprias forças – seria como o indivíduo que, afundando no banco de areia movediça, puxasse para cima sua gravata, na tentativa de subir. A saída dessa situação (que os cristãos chamam de *salvação*) não vem de nós, embora, necessariamente, passe por nós. É Deus quem nos salva, se lhe permitimos espaço. E é aqui que ganha importância aquela primeira palavra de que falávamos: conversão.

Jesus começa seu ministério dizendo: "Convertei-vos porque está próximo o Reino dos Céus" (Mt 4,17). Como nos lembra J. A. Pagola, o verbo grego que se traduz em "converter-se" significa, na realidade, "colocar-se a pensar", "revisar o enfoque de nossa vida", "reajustar a perspectiva". As palavras de Jesus poderiam se escutar assim: "Verificai se não tendes de revisar e reajustar algo em vossa maneira de pensar e de atuar para que se cumpram em vós os sonhos de Deus".

Se isto é assim, a primeira coisa que temos de revisar é aquilo que bloqueia nossa vida. Converter-se é "libertar a vida", eliminando medos, egoísmos, tensões e escravidões que nos impedem de crescer de maneira sadia e harmoniosa. A conversão que não produz paz e alegria não é autêntica. Não nos está aproximando de Deus.

No início, esse processo pode ser doloroso. Alguém, certa vez, disse com razão que o encontro com Deus muitas vezes é cirúrgico, antes de se tornar prazeroso. Não é fácil lidar com o que repudiamos nos outros e que carregamos dentro: nosso apego ao ego, a termos sempre razão; nossos preconceitos e soberbas; nossa inveja disfarçada pelo sucesso do outro; os sentimentos ocultos de superioridade; nossa justiça impiedosa com o erro e a limitação dos outros; nossa vitimização e melindres excessivos; nossos rancores e falta de perdão. Nossos apegos e afetos desordenados... Se tomarmos consciência do que estamos fazendo com o projeto de dom que somos, com os nossos talentos e com o tempo a nós concedido, certamente teremos algo a nos doer fundo na alma, dor proporcional à consciência de nossa beleza e dignidade fundamentais e da beleza e dignidade fundamentais do outro.

Mas devemos nos lembrar de que a apenas a luz acesa revela a desordem de nossa casa: a consciência de nossos limites, de nossos erros e desvios já é sinal de que a graça de Deus está agindo em nós, não apenas para nos mostrar o que precisamos mudar, mas para nos ajudar a fazê-lo. A luz de Deus não é apenas claridade reveladora: é abraço restaurador e curativo que quer nos restituir em dignidade.

A consciência de nosso pecado, de nosso desvio e frustração do projeto de dom que somos deve ser revelada à luz de outra consciência anterior: a de que Deus nos ama apaixonadamente, com e apesar de nossos defeitos e infidelidades. Precisamos tomar consciência em nossas entranhas, ou seja, fazer a mais profunda experiência de que Deus nos ama de maneira **gratuita, infinita, imerecida e incondicional**. Apenas essa experiência fundante – a consciência de sermos pecadores amados e perdoados pelo Pai – é capaz de nos lançar, confiantes, no novo que o Senhor quer conosco construir, sem o peso da lei e da perfeição inatingíveis.

Por isso, e para o bom fruto desta oração, precisamos evitar duas atitudes extremas e opostas. De um lado, a autoacusação que nos paralisa no erro e no passado e, de outro, a justificativa fácil que negligencia a gravidade das consequências de nosso autocentramento e exclusão do amor. Tanto uma como outra são perigosas, porque nos enclausuram, afastando-nos da experiência do amor libertador de Deus: seja pela neurose que nos impede de aceitar o perdão divino gratuito, seja pela soberba que nos faz acreditar que não necessitamos dele.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Que nesta oração possas tomar profunda consciência destas três verdades:

- 1) a de que és pecador, limitado, frágil, quebradiço, considerando realisticamente tuas desordens e pecados e suas consequências em ti e nos outros;
- 2) a de que necessitas de Deus, pois apenas Ele pode te dar vida nova e;
- 3) a de que Deus te ama apaixonadamente, exatamente como és, e que vai até o absurdo da vida para te alcançar e te restituir nova vida!

GUIA PARA A ORAÇÃO:

- Encontra um lugar silencioso e uma postura relaxada para que possas, aos poucos, silenciar fora e dentro de ti.
- Respira várias vezes;
- Toma consciência, a teu lado e dentro de ti, da presença de Deus, que deseja ardentemente se comunicar contigo.
- Leia pausadamente os textos indicados, deixando-te tocar por suas palavras. Se, ao passares por uma, te sentires atraído, permaneça nela, até que se sintas saciado.
- A partir da palavra que mais te tocou, vá conversando com Deus. Conversa com Deus como um amigo a outro amigo, falando e procurando ouvir. Por que essa palavra específica te foi significativa? O que isso pode sinalizar? O que Deus quer te dizer com isso? Deixa Deus falar. Deixa Deus ser Deus em ti.
- Ao final, anota o que mais te tocou, como te sentiste.
- Produz, se tocado para isso, uma arte, algo que brote de ti, em resposta à tua oração.

TEXTOS SUGERIDOS:

AMBIGUIDADE

... que sinta a desordem das minhas ações, a fim de que, aborrecendo-as, me emende e me ordene. ... Pedir conhecimento do mundo, para que, aborrecendo-o, aparte de mim as coisas mundanas e vãs (EE 63).

Do fundo do mistério
brota a ambiguidade
trançando a espessura do corpo
e a sutileza do espírito.

Caminha disfarçada
com ideias bem articuladas
sentimentos luminosos
e fomes naturais.

Corre maquiada de Evangelho,
instala-se astuta
em minhas rotinas seguras
na pressa de minhas urgências
e no sonho de minhas serenidades.

Mas minha ambiguidade
começa a revelar-se
por uma mão alheia
fugidia no encontro,
por um leve desajuste
que aparece em um olhar,
por um pequeno sabor amargo
em meio ao aplauso,
por um desconforto íntimo
como resíduo de fadigas cotidianas.

Ao surpreendê-la em suas armadilhas
encolhe-se novamente
em meu fundo mais escuro,
onde a treva e a luz
ainda não foram separadas.
Ferida pela claridade
deixa um rastro de engano
esvaindo-se em sangue na fuga.
E mergulha, inacessível,
aonde não chegam
nem meu olhar, nem minha análise.

Senhor de minhas profundidades
abismais e ignoradas!

Como no primeiro dia da criação,
busca-me e liberta-me
onde sou treva e engano.
Ordena-me com teu Espírito onde sou caos originário!

(BUELTA, Benjamin Gonçalves, *Salmos para sentir e saborear as coisas internamente*, trad. Maria Clara Bingemer, Mosteiro da Santa Cruz, Juiz de Fora, 2004)

Eu sei, mas não devia

Marina Colassanti

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez paga mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnortado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para

evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

LIMITE LIBERTADOR

Meu limite acolhido
me liberta
da impossível tarefa
de alcançar a perfeição
de centímetros e leis.

Minha ambiguidade
que a tudo impregna
me liberta
da ingenuidade
em minhas relações e projetos.

Meu pecado perdoado
me liberta
do orgulho que levanta
o coração e o olhar
por cima de todas as cabeças.

Minha fragilidade assumida
me liberta
de construir a vida
sobre minha suficiência
quebradiça e vã.

Meu projeto fracassado
me liberta
do medo da derrota
que afoga a fantasia
e congela o futuro.

Minha morte passada
me liberta
de terrores fantasmáticos,
seus chefes e condenações,
suas fossas e demônios.

Hoje meus saberes
são como roupas de criança
penduradas no armário,
coloridas vestimentas
que acompanharam minha estatura
em um trajeto da viagem.
Pobres saberes
decorados com títulos e selos
arquivados sob chave,
alinhados em minha estante
como um exército de papel.

Mas hoje o mistério
se abre em iniludível abismo
ao final de todos os meus saberes
armados de razões e de mapas.
E hoje é minha ignorância
um colírio que me lava os olhos,
um jejum que alivia a razão,
um sossego indefeso
sem técnica nem horário,
uma porta clandestina
aberta para o futuro
controlado inutilmente
pelos fortes e os sábios.

E chega desde o mistério
um alimento surpreendente
sem publicidade, sem etiqueta,
um aroma de primeiro de janeiro,
uma esperança que desarma
minhas razões blindadas.

O mistério é um Tu
que me acolhe na noite
como a única certeza
que não devora meu passado,
nem se burla de meus pequenos saberes,
amigos fiéis como cachorros de cego
que me conduziram até ele.

(BUELTA, Benjamin Gonçalves, *Salmos para sentir e saborear as coisas internamente*, trad. Maria Clara Bingemer, Mosteiro da Santa Cruz, Juiz de Fora, 2004)

OPA NACIONAL 2017 - SER CONSCIENTE – SUBSÍDIOS PARA A ORAÇÃO

3. CONSCIÊNCIA DA MISSÃO: O QUÊ, ONDE E COMO?

Jesus tinha um sonho, um desejo profundo, que ele nos revelou: de ver incendiado na terra o Reino de seu Pai – uma realidade toda pautada pela soberania do amor, da paz, da justiça, da ternura e da misericórdia. Desde os corações, passando pelas relações familiares e sociais, até atingir as estruturas da sociedade e do planeta. E é para implantar essa realidade no mundo que ele nos escolhe e nos envia.

Mas a quê especificamente Jesus nos envia? Como esse reino se traduz na prática? O Evangelho nos sinaliza a resposta. “Jesus reuniu seus doze discípulos. Conferiu-lhes o poder de expulsar os espíritos imundos e de curar todo mal e toda enfermidade. E disse-lhes: Por onde andardes, anunciai que o Reino dos céus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai!” (Mt 10,1.7-8).

Percebemos aí a preocupação central de Jesus: o bem do ser humano, sua saúde integral e felicidade já nesta vida. Como dizia S. Irineu, “a glória de Deus é que o homem viva”. Somos todos dotados pelo próprio Jesus com o poder, a força e as faculdades de expulsar o mal, de trazer vida, ressurreição; de curar (cuidar) dos que sofrem, erguê-los e restituí-los em dignidade, como Jesus fazia.

E para isso Jesus tem uma saudável pressa. A proximidade à qual ele caracteriza o Reino não é no sentido temporal, de um evento futuro, mas de uma possibilidade que já está ao alcance do ser humano, bastando para ele se abrir em generosidade ao perdão de Deus e ao dinamismo de sua graça.

O campo de nossa missão é a nossa própria vida, a trama de relações à qual estamos inevitavelmente conectados: família, vizinhos, amigos, escola, trabalho, comunidade de fé, cidade, país, planeta! Todas essas realidades devem ser fermentadas pela dinâmica do Reino, até que se traduzam na plena expressão do querer de Deus.

Por isso, precisamos estar conscientes sobre o que acontece ao nosso redor: os acontecimentos do mundo no dia a dia, as notícias, a política, a economia, as propostas legislativas, os atos do poder público, enfim, o que afeta a sorte de nossos irmãos, tudo isso deve nos interessar, pois se afeta a eles, deve afetar a nós também.

Nesse processo, ganham relevo aqueles a quem Jesus dedicou primeiramente seu ministério: os pobres, os cegos, os aleijados, as prostitutas, os excluídos... enfim, os que, para a sociedade, eram considerados menos do que nada. **Os critérios e as escolhas do cristão devem ser o critério e as escolhas de Jesus.** Por isso, precisamos nos perguntar: Quem são os excluídos do nosso tempo? Quem são os mais necessitados? Quem são os que mais sofrem e que precisam ser resgatados em vida e em dignidade? Quem é o meu próximo, perguntava o fariseu a Jesus (Lucas 10,25-37)? Deixa que, em oração, Jesus o revele a ti.

Resta-nos saber como fazê-lo. Novamente, olhemos para o Senhor.

A consciência de Jesus da necessidade de bem do ser humano provinha não de seu intelecto, ou de sua racionalidade, mas de suas entranhas. O verbo grego usado para exprimir a compaixão que Jesus sentia ao ver as multidões que sofriam é derivado de um substantivo que significa intestinos, vísceras, ou coração, ou seja, as partes internas das quais parecem surgir as emoções mais fortes. Nesse sentido, a compaixão de Jesus em direção ao outro, em especial aos pobres e aos sofredores, é uma reação “de tripas”, brota de maneira avassaladora de suas próprias entranhas, de seu ser mais profundo.

Essa mesma compaixão, reação visceral diante do sofrimento do outro em vista de restituir-lhe vida e dignidade, deve ser a nossa resposta, o nosso modo de proceder.

Uma última consideração: Jesus contou com colaboradores. A missão não se realiza sozinha, mas em rede. O próprio Papa Francisco nos lembra disso, em sua encíclica *Laudato Si'*: “Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias”, pois, continua o Papa, “as exigências desta obra serão tão grandes, que as possibilidades das iniciativas individuais e a cooperação dos particulares, formados de maneira individualista, não serão capazes de lhes dar resposta. Será necessária uma união de forças e uma unidade de contribuições”.

Desde aqui importa nos perguntarmos: tenho trabalhado no vinha do Senhor sozinho, ou formando redes? Como tenho cuidado dessa rede?

Que possas nesta oração tomar consciência sobre o quê, onde e como realizar a missão que Deus te confia. Algo Ele espera de ti e que apenas tu, com a ajuda e a orientação dele, podes realizar. Que possas pedir e receber a graça de o modo de ser e de proceder de Jesus se tornar o teu modo de ser e de proceder, na missão que Ele te confia.

GUIA PARA A ORAÇÃO:

- Encontra um lugar silencioso e uma postura relaxada para que possas, aos poucos, silenciar fora e dentro de ti.
- Respira várias vezes;
- Toma consciência, a teu lado e dentro de ti, da presença de Deus, que deseja ardentemente se comunicar contigo.
- Leia pausadamente os textos indicados, deixando-te tocar por suas palavras. Se, ao passares por uma, te sentires atraído, permaneça nela, até que se sintas saciado.
- A partir da palavra que mais te tocou, vá conversando com Deus. Conversa com Deus como um amigo a outro amigo, falando e procurando ouvir. Por que essa palavra específica te foi significativa? O que isso pode sinalizar? O que Deus quer te dizer com isso? Deixa Deus falar. Deixa Deus ser Deus em ti.
- Ao final, anota o que mais te tocou, como te sentiste.
- Produz, se tocado para isso, uma arte, algo que brote de ti, em resposta à tua oração.

TEXTOS SUGERIDOS:

O BOM SAMARITANO (Lucas 10,25-37)

Levantou-se um doutor da lei e, para pô-lo à prova, perguntou: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? Disse-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como é que lês?

Respondeu ele: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento (Dt 6,5); e a teu próximo como a ti mesmo (Lv 19,18).

Falou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isto e viverás.

Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo?

Jesus então contou: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram; e depois de o terem maltratado com muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o meio morto.

Por acaso desceu pelo mesmo caminho um sacerdote, viu-o e passou adiante.

Igualmente um levita, chegando àquele lugar, viu-o e passou também adiante.

Mas um samaritano que viajava, chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão.

Aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; colocou-o sobre a sua própria montaria e levou-o a uma hospedaria e tratou dele.

No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo-lhe: Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta lhe pagarei.

Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?

Respondeu o doutor: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Então Jesus lhe disse: Vai, e faze tu o mesmo.

INVOCAÇÃO A JESUS CRISTO MODELO

Pedro Arrupe

Senhor, meditando sobre nosso modo de proceder, descobri que o ideal de nosso modo de proceder é teu modo de proceder. Por isso, fixo em ti meus olhos, os olhos da fé, para contemplar tua irradiante figura tal como aparece no Evangelho. Eu sou um daqueles de quem São Pedro diz: “Aquele que amais sem nunca o ter visto; no qual agora também acreditais sem o ver; e crendo, exultai com uma alegria inefável e cheia de glória”.

Dá-me, sobretudo, o “sensu Christi” que Paulo possuía: que eu possa sentir com teus sentimentos, os sentimentos de teu Coração, com que amavas o Pai e os homens. Jamais alguém teve maior caridade que tu, que deste a vida por teus amigos, culminando no total abatimento com tua morte na cruz, “kenosis” de tua encarnação. Quero te imitar nessa interna e externa disponibilidade e também em tua vida de cada dia, atuando, se possível, como tu procedeste.

Ensina-me teu modo de tratar os discípulos, os pecadores, as crianças, os fariseus, ou Pilatos e Herodes. Comunica-me a delicadeza com que os trataste no Lago de Tiberíades, preparando-lhes a refeição ou quando lhes lavaste os pés.

Ensina-me a ser compassivo com os que sofrem: com os pobres, com os leprosos, com os cegos, com os paralíticos; mostra-me como manifestavas tuas profundíssimas emoções até derramar lágrimas, ou quando sentiste aquela angústia mortal que fez suar sangue e se fez necessário o consolo do anjo. E, sobretudo, quero aprender o modo como manifestaste aquela máxima dor na cruz, sentindo-te abandonado pelo Pai.

Esta é a tua imagem que contemplo no Evangelho: ser nobre, sublime, amável, exemplar; que tinha a perfeita harmonia entre a vida e a doutrina; que fez teus inimigos exclamarem: “és verdadeiro, ensinas o caminho de Deus” com franqueza, não te aborreces com ninguém, “não

fazes acepção de pessoas”; aquela maneira varonil, dura para contigo mesmo, com privações e trabalhos; mas, para com os demais, cheio de bondade e amor e desejo de servir-lhes.

Quisera conhecer-te como és: tua imagem sobre mim bastará para me transformar.

Desejaria ver-te como Pedro, quando colhido de surpresa, após a pesca milagrosa, toma consciência de sua condição de pecador, em tua presença. Gostaria de ouvir tua voz na sinagoga de Cafarnaum, ou no Monte, ou quando te dirigias à multidão, “ensinando com autoridade”, uma autoridade que só podia vir do Pai.

Faze que aprendamos de ti nas coisas grandes e nas pequenas, seguindo teu exemplo de total entrega ao amor do Pai e aos homens, nossos irmãos.

Dá-nos essa graça, dá-nos o “sensu Christi”, que vivifique nossa vida toda e nos ensine – inclusive nas coisas exteriores – a proceder de acordo com teu Espírito.

Ensina-nos o teu “modo” para que seja o “nosso modo” no dia de hoje, e possamos realizar o ideal de Inácio: ser teus companheiros, “alter Christus”, teus colaboradores na obra da redenção.

Peço a Maria, tua Mãe Santíssima, de quem nasceste e com quem conviveste trinta e três anos e que contribuiu tanto para plasmar e formar o teu modo de ser e de proceder, que forme em mim e em todos os filhos da Companhia outros tantos Jesus, como tu.

Sugestão de oração por meio de música: *Tu modo*, de Cristobal Fones. CD **Ite inflammate omnia**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=My1O0C6W3Wo&index=6&list=PLKF3LAmEZqqDgAVhKWIFQ-X9s4r0nL5oJ>.

OPA NACIONAL 2017 - SER CONSCIENTE – SUBSÍDIOS PARA A ORAÇÃO

4. CONSCIÊNCIA DE TEMPLO DO ESPÍRITO E DE CORPO MÍSTICO

Certeza inabalável e irrenunciável de nossa fé é a vitória de Jesus sobre o Mal. Longe de isso significar que devamos ficar de braços cruzados, esperando que tudo caia do céu. Espera é diferente de esperança. Aquela é passiva; esta é ativa. Há uma obra, uma missão à qual Deus nos confia e que cabe a cada um de nós realizarmos.

Mas não podemos ser ingênuos. Em nenhum momento, Jesus disse que a lida seria tranquila e sem percalços. Ao contrário, assegurou-nos: “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas” (Mt 10,16).

Pouco adiante, no mesmo texto, Jesus é ainda mais enfático: “Cuidai-vos dos homens. Eles vos levarão aos seus tribunais e açoitar-vos-ão com varas nas suas sinagogas. Sereis por minha causa levados diante dos governadores e dos reis: servireis assim de testemunho para eles e para os pagãos” (Mt 10,17-18).

Para que possamos dar conta de tamanha oposição, Jesus nos dá uma garantia: “Quando fordes presos, não vos preocupeis nem pela maneira com que haveis de falar, nem pelo que haveis de dizer: naquele momento ser-vos-á inspirado o que haveis de dizer. Porque não sereis vós que falareis, mas **é o Espírito de vosso Pai que falará em vós**” (Mt 10,19-20).

Esse Espírito é o próprio dinamismo de amor de Deus!

Em nossa última oração, propomos que tomemos consciência profunda do Espírito que habita em nossa profundidade e que nos ilumina, inspira e conduz, se assim o deixarmos. A cada instante esse Espírito sopra em nós o que devemos pensar, falar, sentir ou fazer. Precisamos estar nele atentos, sintonizar continuamente em sua frequência suave, apesar do ruído e do barulho de nosso dia a dia.

E, para muito além de nós mesmos, individualmente, precisamos tomar consciência de que esse mesmo Espírito nos une em um só Corpo. Precisamos nos conscientizar desse vínculo místico que nos irmana (ao qual chamamos “comunhão dos santos”) e que nos faz um. Se formamos um só Corpo, a dor de um deve ser a dor de todos, assim como a alegria de um deve contagiar a todos (1 Cor 12,12-27).

Nesta última oração preparatória de nosso Encontro Nacional peçamos a consciência visceral de corpo místico, de comunhão eclesial/espiritual, de sermos, cada um, templos vivos do Espírito e de estarmos, por esse mesmo Espírito, unidos por amor a cada criatura do universo, numa grande fraternidade cósmica.

É o desejo de Deus formarmos esse corpo místico do qual Ele é a cabeça; essa família, onde ninguém padece sofrimento ou necessidade, onde todos têm o suficiente para viver com dignidade, “onde a lei vivida é a lei da vida e do sorrir”, até que “Deus seja tudo em todos” (1 Cor 15,28).

GUIA PARA A ORAÇÃO:

- Encontra um lugar silencioso e uma postura relaxada para que possas, aos poucos, silenciar fora e dentro de ti.
- Respira várias vezes;
- Toma consciência, a teu lado e dentro de ti, da presença de Deus, que deseja ardentemente se comunicar contigo.
- Leia pausadamente os textos indicados, deixando-te tocar por suas palavras. Se, ao passares por uma, te sentires atraído, permaneça nela, até que se sintas saciado.
- A partir da palavra que mais te tocou, vá conversando com Deus. Conversa com Deus como um amigo a outro amigo, falando e procurando ouvir. Por que essa palavra específica te foi significativa? O que isso pode sinalizar? O que Deus quer te dizer com isso? Deixa Deus falar. Deixa Deus ser Deus em ti.
- Ao final, anota o que mais te tocou, como te sentiste.
- Produz, se tocado para isso, uma arte, algo que brote de ti, em resposta à tua oração.

TEXTOS SUGERIDOS:

SOMOS UM (Rei Leão) Ouvir em: <https://www.vagalume.com.br/o-rei-leao/somos-um.html>

[Simba]

Você deve compreender
 Que nem tudo vai ser só diversão
 Pois, um dia, meu amor,
 A tristeza e a dor
 Também virão
 Mas nós vamos ficar juntos em todo lugar
 Quando não há caminho algum
 Você vai nos seguir
 E então vamos descobrir
 Somos mais do que mil
 Somos um! (um, um, um)

[Voz de fundo]

Todos nós, todos nós
 Somos um!
 Todos nós, todos nós
 Somos um!

[Kiara]

Se há tanto pra aprender
 Só queria viver como eu sou
 Sigo o meu coração
 Ou escuto a razão
 Pra onde for?

[Simba]

Mesmo quem já morreu
 Quem você nem conheceu
 Nos segue, pois nós somos um!
 Na alegria ou na dor

Nossa força é o amor
É só ver para crer
Somos um!

[Voz de fundo]
Todos nós, todos nós
Somos um!
Todos nós, todos nós
Somos um!

[Simba]
Numa só direção
Temos um só coração
Não temos mais medo algum
Você vai conseguir
A coragem pra seguir
Então vai descobrir
Somos um!

[Voz de fundo]
Todos nós, todos nós
Somos um!
Todos nós, todos nós
Somos um!

Manifesto pela ocupação amorosa dos corações vazios

Por André Gomes

E de agora em diante fica estabelecido que todos os corações vazios, mal-amados, partidos, abandonados ou tão somente subutilizados serão pacífica e amorosamente invadidos e ocupados pelo amor em todas as suas formas.

Sem paus e pedras e enxadas, mas com flores e música e presentes e simples declarações de apreço e cuidado, o amor tomará posse irrevogável de todo e qualquer coração devoluto. Banqueiros e bancários, construtores e operários, empresários, professores, artistas de rua, profissionais de toda sorte, adultos e crianças e velhinhos, todas as almas solitárias deste mundo! Preparem-se para ceder sem luta à chegada implacável do amor às terras férteis de seus corações.

Abram seus portões, escancarem as portas, liberem as janelas, prendam os cachorros e preparem a casa à visita permanente do amor operário, trabalhador, corajoso e simples. Ele vai chegar sem *slogans* ou passeatas, sem discursos, gritos de guerra ou enfrentamentos com a polícia. Vai surgir na hora mais silenciosa da noite, deitar ao seu lado e acordar com você na hora de ir ao trabalho, como se ali estivesse desde sempre.

O amor vai chegar assim, de manso, mas com o passo forte e a potência de um jato varrendo a craca dos rancores, a sujeira grossa dos maus pensamentos, a gordura acumulada das chateações diárias, da burrice, da inveja, da grosseria. Virá com a força mesma da vida,

desobstruindo os canais da memória entupidos de morte. Virá alegre como o cão que reencontra o dono depois da eternidade de um dia inteiro sozinho em casa, à espera.

E então as preocupações ordinárias e mesquinhas farão as malas e deixarão os corações livres para viver em absoluto estado de ocupação plena pelas intenções e ações de um amor generoso, diário e vital.

Esse amor que acorda cedo e faz ginástica, que parece tão mais jovem do que de fato é, esse amor vai pintar as paredes da casa, mudar a posição dos móveis, vai matar a sede e a fome que restam, soltar os passarinhos de suas gaiolas ridículas, vai cuidar da horta no quintal e presentear os vizinhos com as verduras frescas. Esse amor vai florescer e perdurar e se esparramar pelas redondezas. Vai levar ao passeio diário os cachorros que vivem dentro de cada um de nós. Esse amor vai invadir em paz a nossa vida tão talhada para a guerra.

E quando as forças armadas de um coração já machucado se levantarem em defesa natural de sua estrutura, em puro e simples movimento de auto-preservação, o amor estenderá sua mão pequena e linda, de unhas roídas e sem nenhum esmalte, e todas as armas cairão em silêncio. Então esse coração abrirá suas fronteiras à chegada irrefreável do encantamento amoroso e total, explosão de energia que nos leva ao encontro de quem somos, nos resgata da morte e nos devolve, sãos e salvos, à vida que é hoje, amanhã e depois um longo e eterno agora.



A quem amar?

Alberto Hurtado

Reflexão pessoal escrita em novembro de 1947.

A quem amar? A todos os meus irmãos de humanidade. Sofrer com os seus fracassos, com as suas misérias, com a opressão de que são vítimas. Alegrar-me das suas alegrias. Começar por trazer de novo ao meu espírito todos aqueles que encontrei no meu caminho: aqueles de quem recebi a vida, que me deram a luz e o pão. Aqueles com os quais partilhei o teto e o pão. Os que conheci no meu bairro, no meu colégio, na Universidade, no quartel, nos meus anos de estudo, no meu apostolado... Aqueles a quem combati, a quem causei dor, amargura, dano... A todos aqueles a quem socorri, ajudei, tirei de um apuro... Os que me contrastaram, me desprezaram, me fizeram um dano. Aqueles que vi nos cortiços, nos barracos, debaixo das pontes. Todos estes cuja desgraça pude adivinhar, vislumbrar a sua inquietude. Todos estes meninos pálidos, de carinhas deprimidas... Estes tísicos de San José, os leprosos de Fontilles... Todos os jovens que encontrei num círculo de estudos... Aqueles que me ensinaram com os livros que escreveram, com a palavra que me dirigiram. Todos os da minha cidade, os do meu país, os que encontrei na Europa, na América... Todos os do mundo: são meus irmãos.

Encerrá-los no meu coração, todos de uma vez. Cada um no seu lugar, porque, naturalmente, há lugares diferentes no coração do homem. Ser plenamente consciente do meu imenso

tesouro, e com um oferecimento vigoroso e generoso oferecê-los a Deus. Fazer em Cristo a unidade dos meus amores. Tudo isto em mim como uma oferenda, como um dom que arrebenta o peito; um movimento de Cristo no meu interior que desperta e aviva a minha caridade; um movimento da humanidade, por mim, para Cristo. Isto é ser sacerdote!

Minha alma jamais se sentira mais rica, jamais fora arrastada por um vento tão forte, e que partia do mais profundo dela mesma; jamais reunira em si mesma tantos valores para elevar-se com eles para o Pai. Urgido pela justiça e animado pelo amor.

Atacar não tanto os efeitos, quanto as suas causas. Que ganhamos com gemer e lamentar-nos? Lutar contra o mal corpo a corpo. Meditar e voltar a meditar o evangelho do caminho de Jericó (cf. Lc 10,30-32). O agonizante do caminho é o desgraçado que encontro cada dia, mas é também o proletariado oprimido, o rico materializado, o homem sem grandeza, o poderoso sem horizonte, toda a humanidade do nosso tempo, em todos os seus setores.

Ter presente em primeiro lugar a miséria do povo. É a menos merecida, a mais tenaz, a que mais oprime, a mais fatal. E o povo não tem ninguém que o preserve, para que o tire do seu estado. Alguns se compadecem dele, outros lamentam os seus males, mas, quem se consagra em corpo e alma a atacar as causas profundas dos seus males? Daqui a ineficácia da filantropia, da mera assistência, que é um emplastro à ferida, mas não o remédio profundo. A miséria do povo é ao mesmo tempo do corpo e da alma.

O primeiro, amá-los: amar o bem que se encontra neles, a sua simplicidade, a sua rudeza, a sua audácia, a sua força, a sua franqueza, as suas qualidades de lutador, as suas qualidades humanas, a sua alegria, a missão que realizam diante das suas famílias... Amá-los até não poder suportar as suas desgraças... Prevenir as causas dos seus desastres, afastar dos seus lares o alcoolismo, as enfermidades venéreas, a tuberculose. A minha missão não pode ser somente consolá-los com formosas palavras e deixá-los na sua miséria, enquanto eu almoço tranquilamente, e enquanto nada me falta. A sua dor deve fazer-me mal: a falta de higiene das suas casas, a sua alimentação deficiente, a falta de educação dos seus filhos, a tragédia das suas filhas: que tudo o que os diminui, que me dilacere a mim também.

Amá-los para fazê-los viver, para que a vida humana se desenvolva neles, para que se abra a sua inteligência e não fiquem atrasados. Que os erros ancorados no seu coração firam-me continuamente. Que as mentiras ou as ilusões com que lhes embriagam, atormentem-me; que os jornais materialistas que lhes ilustram irritem-me; que os seus prejuízos estimulem-me a mostrar-lhes a verdade. E isto não é mais que a tradução da palavra "amor". Coloquei-os no meu coração para que vivam como homens na luz, e a luz não é senão Cristo, verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jn 1,9). Toda luz da razão natural é luz de Cristo; todo conhecimento, toda ciência humana. Cristo é a ciência suprema.

Mas Cristo traz-lhes outra luz, uma luz que orienta as suas vidas para o essencial, que lhes oferece uma resposta às suas perguntas mais angustiosas. Por que vivem? A que destino foram chamados? Sabemos que há um grande chamamento de Deus sobre cada um deles, para fazê-los felizes na visão de ele mesmo, face a face (1Cor 13,12). Sabemos que foram chamados a alargar o seu olhar até saciarem-se do mesmo Deus. E este chamamento é para cada um deles, para os mais miseráveis, para os mais ignorantes, para os mais descuidados, para os mais depravados entre eles. A luz de Cristo brilha nas trevas para todos eles (cf. Jo 1,5). Necessitam desta luz. Sem esta luz serão profundamente desgraçados.

Amá-los apaixonadamente em Cristo, para que a semelhança divina progrida neles, para que se retifiquem no seu interior, para que tenham horror de destruir-se ou de diminuir-se, para que tenham respeito da sua própria grandeza e da grandeza de toda criatura humana, para que respeitem o direito e a verdade, para que todo o seu ser espiritual desenvolva-se em Deus, para que encontrem Cristo como a coroação da sua atividade e do seu amor, para que

o sofrimento de Cristo seja-lhes útil, para que o seu sofrimento complete o sofrimento de Cristo (cf. Cl 1,24).

Se lhes amamos, saberemos o que teremos que fazer por eles. Responderão eles? Sim, em parte. Deus quer, sobretudo, o meu esforço, e nada se perde do que se faz no amor.

PROPOSTA DE ORAÇÃO COLETIVA:

Cantaremos juntos “Sê Um”

SÊ UM

SÊ TU MESMO AGORA E SEMPRE

SÊ UM

SÊ TU MESMO AGORA E SEMPRE

SÊ UM

SÊ TU MESMO AGORA

MAS SE ÉS UM COM ELE SÊ MIL

SÊ MILHÕES DE MILHÕES

SÊ UM

ÍNDIA, SABRA E CHATILA

XINGÚ

IRÃ, NICARÁGUA, BANGU

NORDESTE E VARSÓVIA

SÊ TODOS E CADA UM

(SÊ TODOS E CADA UM)

SÊ TODOS E CADA UM

PROPOSTA DE PARTILHA DURANTE O ENCONTRO:

Em plenário ou em grupos, partilhar tua arte, o que Deus despertou em ti, o que mais foi significativo para ti, o que te mais tocou, mais te inspirou e moveu nos momentos de intimidade com Ele e ao longo dos dias de preparação.